

Portugal refém do Bipartidarismo: Entre a Resignação e a Necessidade de Mudança

Publicado em 2025-02-11 23:28:40



O panorama político português encontra-se há décadas aprisionado num ciclo vicioso onde PS e PSD se revezam no poder, mantendo uma estrutura de clientelismo, corrupção e redes de influência que sufocam qualquer tentativa de renovação. Este sistema, que alguns chamam de "democracia de saque", tem explorado o país enquanto a população, resignada, continua a aceitar passivamente a sua própria exploração. Mas até quando?

O Caso “Tutti-Frutti” e o Estado da Justiça

A recente acusação no caso "Tutti-Frutti" veio expor aquilo que a maioria dos portugueses já suspeitava: a política nacional não é feita para servir os cidadãos, mas sim para alimentar redes de influência que garantem cargos, favores e negócios milionários dentro do Estado. A promiscuidade entre políticos e interesses privados não é novidade, mas a lentidão da justiça, que levou oito anos para formalizar a acusação, mostra como o sistema foi desenhado para proteger os mesmos de sempre.

António Costa e outros líderes políticos têm repetidamente usado a estratégia de separar "justiça" e "política", numa tentativa de desviar responsabilidades. Assim, qualquer ato de corrupção ou falta de ética dentro do governo é tratado como uma questão apenas judicial, permitindo que a classe política continue intocável. Entretanto, o povo vê-se impotente diante de um sistema que judicializa a ética, mas que raramente condena os culpados.

O caso "Tutti-Frutti" é apenas um exemplo de como os partidos tradicionais operam. Durante anos, PS e PSD construíram um império de favores, onde militantes são premiados com cargos, contratos e

benesses, independentemente da sua competência. Esta teia de interesses mantém-se através do financiamento público e do controlo de autarquias, empresas estatais e institutos públicos.

O Povo Português: Resignação ou Explosão?

O grande problema de Portugal não é apenas o sistema político, mas também a apatia da população. Diferente de outros países, onde crises levam a grandes mobilizações populares, em Portugal, a resposta tem sido quase sempre a resignação. A população queixa-se, mas continua a votar nos mesmos partidos ou, pior, abstém-se, deixando o país nas mãos daqueles que há décadas o exploram.

A Islândia, por exemplo, enfrentou uma grave crise financeira em 2008, mas o povo não aceitou passivamente a corrupção dos políticos e banqueiros. Foram para as ruas, derrubaram o governo e exigiram mudanças reais. Já em Portugal, mesmo com uma crise financeira devastadora e programas de austeridade brutais, a população aceitou o seu destino sem uma verdadeira revolta popular.

A pergunta que se impõe é: o que será necessário para que o povo português desperte? Uma crise extrema? Uma liderança verdadeiramente independente? Ou será que a resignação está tão enraizada que apenas uma falência completa do Estado poderia forçar uma mudança?

A Ascensão de Novas Figuras e o Colapso do Bipartidarismo

Com o desgaste de PS e PSD, vemos o surgimento de novas figuras políticas como André Ventura e, mais recentemente, Gouveia e Melo. Estes nomes representam, cada um à sua maneira, o descontentamento de uma parte da população que já não acredita nos partidos tradicionais. No entanto, há um risco real de que estas novas opções sejam apenas novas versões do mesmo sistema, prometendo mudança, mas mantendo os mesmos vícios do passado.

Se o povo português quer realmente uma mudança, precisa de algo mais do que apenas votar em caras novas. É necessário exigir uma reforma estrutural, que inclua mudanças no sistema eleitoral, maior transparência e um fim ao clientelismo que domina a política nacional. Sem isso, qualquer novo líder será apenas mais um ator no mesmo teatro decadente.

Conclusão: O Que Fazer?

Portugal encontra-se num ponto crítico. O bipartidarismo que dominou o país nas últimas décadas está a perder credibilidade, mas sem uma alternativa sólida e organizada, a tendência é que o sistema continue a reciclar-se. Se o povo não acordar para esta realidade, continuaremos a ver os mesmos escândalos, os mesmos políticos e a mesma exploração, apenas com nomes diferentes.

A solução não está apenas na queda do PS e do PSD, mas na criação de um novo modelo de governança, onde a política deixe de ser um meio de enriquecimento pessoal e passe a ser um serviço público verdadeiro. Para isso, é necessário que o povo português deixe de ser conformista e tome as rédeas do seu próprio destino. Caso contrário, a história apenas se repetirá.

A pergunta que fica é: estaremos condenados a este ciclo vicioso, ou haverá finalmente uma força capaz de quebrá-lo?

Francisco Gonçalves

francis.goncalves@gmail com

Imagem gerada pelo ChatGPT